

O LIVRO DIDÁTICO: UM INSTRUMENTO MEDIADOR DA MOTIVAÇÃO¹

Caroline Mitidieri Selvero²

RESUMEN: Este artículo pretende plantear algunas reflexiones acerca del libro didáctico como un instrumento mediador de la motivación en el proceso de enseñanza/aprendizaje del español como lengua extranjera. Por lo tanto, es necesario considerar al alumno como un individuo perteneciente a un grupo social en constante interacción y desde esta perspectiva, la teoría de la actividad busca comprender la unidad de la conciencia y la actividad realizada de manera individual en un contexto social e histórico. De este modo, el libro didáctico visto como una herramienta de mediación que se utiliza para un propósito específico puede despertar la motivación del estudiante y ayudarlo en el proceso de enseñanza / aprendizaje.

PALABRAS CLAVE: Sociointeraccionismo, Teoría de la Actividad, Libro Didáctico, Instrumento Mediador, Motivación.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nos dias de hoje, a aprendizagem de línguas estrangeiras pode ser vista como um fator diferencial tanto para os indivíduos que tem o intuito de comunicar-se em países estrangeiros, como para os que precisam enfrentar novas exigências do mercado de trabalho. Desse modo, o ensino instrumental vem a saciar as necessidades, em demasiadas situações, do contexto atual.

Podemos admitir que é uma abordagem instrumental que tem como objetivo o ensino de uma língua para um fim específico, de modo a instrumentalizar o aluno e permitir o desenvolvimento das habilidades linguísticas dentro das suas necessidades. Para isso, o livro, considerado um instrumento mediador do processo de aprendizagem, aborda de forma comunicativa e instrumentalizada, a língua em situações que, muitas vezes, acontecem com o estudante tais como em situação turista ou em um contexto social determinado.

¹ Trabalho apresentado como avaliação final à disciplina Linguagem e atividade, ministrada pelo Prof. Marcos Gustavo Ritcher, no 1º semestre de 2011. Este artigo foi elaborado com a intenção de ser utilizado na dissertação de mestrado sob a orientação da Prof^a. Maria Tereza Nunes Marchesan.

² Aluna regular do Programa de Pós-Graduação em Letras, área de Estudos Lingüísticos. Contato através do email: caromiti@yahoo.com.br

Temos ciência, de acordo com Vygotsky (2003), que a prática humana se realiza em um contexto social, em interação com outros indivíduos e, nesse sentido, a Teoria da Atividade contempla de maneira satisfatória a atividade a ser desenvolvida, pois está inserida em um contexto social determinado e considera a participação dos sujeitos envolvidos como categoria de compreensão prática.

Desse modo, o livro é visto como uma legítima ferramenta de mediação ou percebido como um instrumento mediador da motivação, possibilitando, portanto, a transformação do objeto em um resultado, ou seja, auxiliando na aprendizagem do aluno. Isso nos leva a acreditar que possa ser utilizado para melhorar a comunicação e a motivação dos indivíduos.

Nesse sentido, a obra de Vygotsky considerada como verdadeira defensora das ações do sujeito inserido em um contexto social, cultural e histórico e, principalmente, por acreditar que é de fundamental importância para todo profissional da área da educação estar e possibilitar ao educando um ambiente de reflexão e interação, que o presente estudo pretende auferir uma proposta reflexiva sobre a utilização do livro didático como um instrumento mediador do processo de ensino/aprendizagem. Para isso, começaremos com o sociointeracionismo de Lev Vygotsky, que oferece uma base teórica para a Teoria da Atividade. Logo após, serão enfocados alguns pontos que possibilitam a admissão do material didático enquanto estimulador da motivação e, para finalizar, realizaremos algumas considerações finais sobre o desenvolvimento do artigo.

2. O SOCIOINTERACIONISMO DE LEV VYGOTSKY

Seguindo o pensamento de Rego (1995), *“Vygotsky atribui enorme importância ao papel de interação social no desenvolvimento do ser humano”* (p. 56). De acordo com Vygotsky (2003), o indivíduo tem seu desenvolvimento influenciado constantemente pelo contexto social, cultural e histórico. Desse modo, o sujeito é interativo, pois aprende através de ações recíprocas com outras pessoas e atua em meio a essa conjuntura. A criança, segundo Engeström (1987), adquire as estruturas cognitivas através da interação com

os adultos, que a ajuda a fazer coisas que não poderia fazer sem o auxílio de outro indivíduo.

Podemos, a partir dessas indagações, considerar a linguagem como gerada pelas atividades sociais, culturais e históricas realizadas no espaço social em que as interações se estabelecem. E, com isso, o indivíduo é modificado e, ao mesmo tempo, transforma as relações constituídas.

Rego (1995) faz colocações em relação ao processo de formação de conceitos e o papel desempenhado pelo ensino escolar dentro da perspectiva vygotskyana ao admitir que se trata de um tema extremamente importante nas proposições de Vygotsky, pois, integra e sintetiza suas principais teses acerca do desenvolvimento humano. Seus trabalhos envolvem as relações entre pensamento e linguagem, o papel mediador da cultura na constituição do modo de funcionamento psicológico do indivíduo e o processo de internalização de conhecimento e significados elaborados socialmente.

Nesse sentido, Vygotsky (2003) faz reflexões acerca das funções psicológicas superiores que aparecem em atividades sociais, de forma coletiva (funções interp-síquicas) e estão ligadas à zona de desenvolvimento proximal; e as que surgem como característica interna do pensamento do sujeito (funções intrap-síquicas), relacionadas ao conceito de internalização.

A zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) é, de acordo com Vygotsky (2003), a distância entre o nível de desenvolvimento real (NDR) e o potencial (NDP). O NDR refere-se ao que já foi aprendido, amadurecido, enquanto que o NDP são as funções que estão em estado embrionário, de modo que não amadureceram ainda e se tornarão maduras com o passar do tempo. Seguindo o mesmo autor, a instrução é o meio principal para explorar a ZDP:

Quando se demonstrou que a capacidade de crianças com iguais níveis de desenvolvimento mental, para aprender sob a orientação de um professor, variava enormemente, tornou-se evidente que aquelas crianças não tinham a mesma idade mental e que o curso subsequente de seu aprendizado seria, obviamente, diferente. Essa diferença entre doze e oito ou nove e oito, é o que nos chamamos de zona de desenvolvimento proximal. Ela é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VYGOTSKY, 2003, p. 112).

Dessa forma, a ZDP pode oferecer ao professor um papel de fundamental relevância ao ser o estimulador de aprendizagens que não ocorreriam sem o seu estímulo e sem a interação entre os sujeitos envolvidos no processo. A ZDP, para Vygotsky, permite o acesso ao que foi atingido pelo aluno, por exemplo, e ao que está em processo de maturação.

Vygotsky (2003) acredita que internalização é a “*reconstrução interna de uma operação externa*” (p.74), ou seja, o conhecimento vem de fora para dentro. Assim, o contexto social, bem como a interação, recebem importante papel no desenvolvimento intelectual dos indivíduos. O processo de internalização faz parte de uma das fases da ZDP. A partir dessas colocações, percebemos que a presença de ferramentas e o ambiente ideal para a realização do processo de ensino-aprendizagem é importante tanto para o professor como para os alunos.

Em relação à linguagem, de acordo com Vygotsky (1993), as investigações demonstram que esse desenvolvimento obedece às mesmas leis das outras operações que envolvem a utilização de signos, como a atividade da contagem e a memorização mnemônica.

Nesse contexto, é possível fazer uma analogia com Vygotsky e Jacques Lacan. O psicanalista firmou-se como um dos grandes pensadores da segunda metade do século passado e, diferentemente de Vygotsky, não se deteve a estudar a origem do conhecimento ou os problemas que ele desencadeia. No entanto, encontra-se em Lacan, semelhante à Vygotsky, a demonstração da presença do social, desta vez, no inconsciente. Desse modo, o inconsciente psíquico nunca é solitário, porque está sempre em função do outro. Assim, a presença do outro e a interação, também pode ser considerada como fundamental para a saúde psíquica do sujeito.

3. A TEORIA DA ATIVIDADE

A Teoria da Atividade, para Engeström (1999), tem sua origem na filosofia sócio-cultural soviética e defende, contudo, que uma atividade é formada por um indivíduo (ou grupo) que possui uma forma de agir direcionada

a um objeto. Foi fundada por Lev Vygotsky, Leontiev e Luria, podendo ser considerada como subdividida em três gerações.

A primeira geração do modelo da teoria da atividade tem uma forte influência de Vygotsky, que desenvolveu o conceito de mediação, de maneira que foi desenvolvida, na realidade, a partir de sua morte em 1934. Em função disso, foi de suma importância levantar os dados explicitados anteriormente referentes ao interacionismo social de Vygotsky. Assim, tanto o comportamento humano como a mente devem ser considerados como ações internas e culturalmente significativas.

Durante esse período, o paradigma dominante era o esquema estímulo-resposta de Skinner. No entanto, os estudos de Vygotsky eram focalizados em ações do indivíduo inserido em um contexto social, cultural e histórico, de modo que sua cognição se dava através do uso de signos e o esquema anteriormente utilizado era insuficiente para explicar o comportamento do ser humano. Vygotsky (2003, p.40) explica:

Em resumo, quando as crianças se confrontam com um problema um pouco mais complicado para elas, apresentam uma variedade complexa de respostas que incluem: tentativas diretas de atingir o objetivo, uso de instrumentos, fala dirigida à pessoa que conduz o experimento ou fala que simplesmente acompanha a ação e apelos verbais diretos ao objeto de sua atenção.

O princípio desse modelo está presente na ação de um indivíduo mediada por uma ferramenta que possui um determinado objetivo. Dessa forma, a relação histórica existente entre o sujeito e seu objeto, influencia no resultado final da ação.

A segunda geração foi inicialmente tratada por Leontiev (1977), discípulo de Vygotsky, inseriu o conceito de divisão de trabalho como um processo sócio-histórico da evolução das funções mentais. De acordo com o estudioso, a ação coletiva deveria ser orientada a um objeto que é o seu motivo real, assim, a atividade humana é sempre social, cooperativa e coletiva.

Nessa conjuntura, a atividade deve ser concebida como uma tríade formada pelo sujeito, objeto e instrumentos em três diferentes níveis de análise: atividade, ação e operação. O nível da atividade está diretamente relacionado aos processos psicológicos superiores, de maneira que a atividade satisfaz

uma necessidade do indivíduo e é orientada para o motivo dessa necessidade. Enquanto isso, a ação é o componente básico da atividade humana. Por último, a operação é a dimensão final da atividade e tem como propósito, o modo de execução de um ato.

A partir da terceira geração, Engeström (1987), defende que a evolução da atividade ocorre pelas várias formas de interação entre organismo e meio ambiente (homem e sociedade). A Teoria da Atividade considera a capacidade humana do ponto de vista social, físico e cognitivo. Engeström (1999)³ envolve em seus estudos o modelo triangular de Vygotsky e considera a atividade como uma prática conjunta e não individual. Interessa-se, portanto, por um processo de transformação social, no qual o ambiente é modificado através da atividade mediada.

A mediação, presente nesse modelo, é que define que toda a relação do sujeito é mediada por ferramentas utilizadas na transformação do objeto em resultado, evoluindo durante todo o processo, mais especificamente, no decorrer da prática da atividade.

Podemos pensar na relação existente, durante todo o processo, entre a intencionalidade e a motivação das pessoas para cada ação orientada a um determinado objetivo. Nesse ponto, existe o desejo consciente da realização de uma ação em busca de um objetivo, o que influenciaria na motivação geral existente para o desenvolvimento de uma atividade. Assim, uma atividade, baseada em uma necessidade ou uma motivação, desencadeia uma ação, que tem um objetivo.

Nesse sentido, observamos a motivação como o prazer existente para realizar determinada atividade, por exemplo. Para alcançar os objetivos de cada atividade seria necessário planejar todo o processo para chegar ao que

³ Nesse contexto, Engeström vai além da preocupação com a ação individual, expandindo a tríade organizada por Vygotsky. Entrelaçado a esse conceito, está a primeira versão da Teoria Holística da Atividade (THA), enfatizando o papel de cada sujeito dentro da ideia de atividade-ação-operação. Podemos dizer que, a Teoria da Atividade serviu como apoio para a THA e surgiu a partir do Modelo Holístico de Richter (2006). Neste artigo não pretendemos definir a THA, no entanto, nos parece fundamental destacar que teve como base as teorias vygotskianas e leontievana ao considerarmos a Teoria da Atividade. Acreditamos que ela vai de encontro com a formação do ser humano ao atender a uma complexidade social, afetiva e cognitiva.

se almeja. No entanto, algumas tarefas são automáticas e permitem com que o indivíduo não necessite mantê-las como um objetivo consciente para conseguir realizá-las.

A Teoria da Atividade pode ser considerada como social e constituinte da consciência humana, de maneira que estimula a construção da consciência como um produto de uma interação individual com pessoas em contexto social, na qual se dão as práticas das atividades diárias. Com isso, sugerimos que a Teoria da Atividade procura compreender a unidade da consciência e a atividade realizada individualmente em um contexto social e histórico.

4. O LIVRO DIDÁTICO ENQUANTO ESTIMULADOR DA MOTIVAÇÃO

De acordo com Motta-Roth et al. (1999), a interação ocorre pela ação efetiva do homem no seu meio, ajudando na sua criação e transformação. No contexto de ensino, mais especificamente, na sala de aula, a interação está diretamente relacionada com a participação ativa de alunos e professores nos processos de ensino e aprendizagem. A interação, nesse contexto, envolve a relação entre alunos, professores, meio e materiais didáticos.

Partindo do pressuposto de que todo o conhecimento é construído através das práticas sociais dos sujeitos, é possível acrescentar na relação sujeito-objeto, a mediação. Dentro desse raciocínio, dois elementos são responsáveis por sua atuação: o instrumento e o signo. O primeiro tem a função de regular as ações sobre os objetos; enquanto o segundo detém-se em regular as ações sobre o psiquismo dos indivíduos. Com isso, o instrumento e o signo orientam o comportamento humano de diferentes maneiras. Assim, para Vygotsky (2003, p.73):

Uma coisa já é certa. Da mesma forma como o primeiro uso de instrumentos refuta a noção de que o desenvolvimento representa o mero desdobrar de um sistema de atividade organicamente predeterminado. O uso de meios artificiais – a transição para a atividade mediada – muda, fundamentalmente, todas as operações psicológicas assim como o uso de instrumentos amplia de forma ilimitada a gama de atividades em cujo interior as novas funções psicológicas podem operar. Nesse contexto, podemos usar o termo função psicológica superior, ou comportamento superior com referência à combinação entre o instrumento e o signo na atividade psicológica.

Ao considerarmos o livro didático um instrumento mediador do processo de aprendizagem e do qual faz parte do material utilizado em um curso de Espanhol Instrumental para viagens, o foco do estudo está em preparar os estudantes, quando em situação turística, para a interação com falantes nativos, em países de língua espanhola. Do mesmo modo, ao falar em abordagem instrumental, segundo Sedycias (2002), o ensino está relacionado a objetivos apresentados ou específicos, ou seja, a capacitação do aluno em língua estrangeira, em um curto período de tempo e para a atuação em determinada tarefa.

Para isso, o livro está baseado no levantamento das necessidades dos futuros turistas que viajarão pelos países que fazem parte do MERCOSUL (Argentina, Paraguai, Uruguai, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Peru e Venezuela). É um material composto com seis unidades que abordam de forma comunicativa e instrumentalizada a língua em situações que podem acontecer no aeroporto, na rua ou no hotel, por exemplo. As atividades simulam diálogos baseados em variadas situações que o turista poderá encontrar tais como no cambio, em passeios turísticos, na alimentação e nos lugares para alimentação, entre outras.

A partir dessa prática educativa, o aluno é auxiliado a superar dificuldades dentro de um contexto determinado, o que implica e auxilia no desenvolvimento de destrezas específicas em uma determinada língua. Essa constatação tem trazido importantes contribuições para os estudantes de ensino instrumental de LE⁴, de maneira que se encontram mais motivados a buscar esse tipo de prática por fornecer assistência no sentido profissional.

Dentro dessa perspectiva, uma atividade não pode ser executada sozinha ou de forma isolada, porque todas as atividades estão interligadas, conectando objetos ou produzindo instrumentos usados na atividade de ensino. O livro didático é utilizado como um dos materiais didáticos disponíveis na aula de espanhol instrumental para viagens e é de fundamental importância, pois pode ser considerado como um dos instrumentos mediadores do processo de

⁴ Língua Estrangeira.

ensino/aprendizagem. Com isso, ele tem a função de auxiliar na preparação do aluno para a sua futura inserção no contexto de ELE⁵ ao qual terá contato.

Em cursos de língua instrumental, o aluno busca exatamente aquilo que ele sente necessidade de aprender. No caso de espanhol para viagem, por exemplo, o estudante está preparando-se para um fim específico, ou seja, para viajar. Assim, sugerimos, de acordo com Richter (2008), que identificação do aluno com o objetivo do curso é *“parte integral da atividade social e uma das resultantes da dimensão afetivo-valorativa do ser humano”* (p. 42).

A partir daí, consideramos, segundo Richter (2008), que *“cada ação ou conjunto de ações concretizadas pressupõem uma (ou mais) escolhas dirigidas à opção de maior valência afetivo-valorativa e, para o sujeito individual incorpora uma carga emocional: sua motivação”* (p. 42). O estudante motivado, segundo Cordioli (2008), busca espontaneamente pelo que deseja, não necessitando ser pressionado pela família ou por amigos. Nesse sentido, observamos que Richter (2008) demonstra corroborar com essa ideia quando explica que:

Cada ação ou conjunto de ações concretizadas(s) pressupõe(m) uma ou mais escolhas dirigidas à opção de maior valência afetivo-valorativa e, para o sujeito individual, incorpora uma carga emocional: sua motivação. Esta emerge da diferença entre a valência emocional em um dado momento e a perspectiva de atingimento de uma valência maior em consequência da ação prática. A motivação será alta quando o sujeito contemplar interesses sociais e coletivos na mesma ação e baixa quando houver um “distanciamento” entre interesses individuais e coletivos (RICHTER, 2008, p. 42).

Rosa (2003, p.170), por sua vez, salienta que a motivação consegue alterar os comportamentos dos sujeitos:

Falar em motivos, por conseguinte, implica referir-nos a forças ou energias que impulsionam o comportamento na obtenção de determinados objetivos. Os motivos dinamizam a personalidade, enquanto que a motivação é o processo através do qual os motivos surgem, se desenvolvem e mobilizam comportamentos.

Com isso, percebemos que a motivação tem um papel diferencial no processo de ensino/aprendizagem. De maneira que ela pode ser vista como o desejo consciente de modificar, de explorar e de experimentar, na qual o

⁵ Espanhol Língua Estrangeira.

estudante apresenta uma decisão explícita de fazer o curso de línguas, bem como demonstrar interesse em participar ativamente das aulas com a consciência de que pode aprender.

A motivação do aluno, de acordo com Boruchovitch (2009, p.11), “*está relacionada com o trabalho mental situado no contexto específico das salas de aula*”, de forma que a motivação positiva implica qualidade no envolvimento, no investimento pessoal para o ensino. Podemos refletir, assim, que estamos tratando além do que simplesmente a estimulação ou interesse do aluno. A motivação pode afetar a perseverança, a sustentação do esforço do estudante, pois tem a capacidade de incentivar o interesse para o estudo e para a participação das aulas. Temos a autoridade para considerá-la como um fator essencial para o estabelecimento da aprendizagem no contexto de ensino.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao considerarmos o livro didático como um instrumento mediador da motivação no processo de ensino/aprendizagem de espanhol língua estrangeira, o referido material recebe destaque no sentido de ir exatamente ao encontro das necessidades do aluno. Para isso, enfatizamos a importância do seu preparo, no sentido de que deve estar fundamentado e embasado por uma teoria e por um objetivo definido no momento de sua elaboração, para que, com isso, seja possível oferecer ao aluno o papel de instrumento mediador do conhecimento.

Nesses casos, o estudante consegue, ao utilizá-lo, ter acesso à satisfação de suas necessidades. O livro, nesse caso, pode ser considerado como uma ferramenta para o aluno atingir seus objetivos. Do mesmo modo, o livro também cumpre um papel semelhante para o professor, servindo como um instrumento de controle das atividades linguísticas dos alunos.

Com isso, percebemos que nas atividades linguísticas em que o livro didático está inserido, ele pode ser considerado como uma ferramenta essencial para a realização de diversas atividades sociais de linguagem. Acreditamos, desse modo, que o livro didático é um importante mediador do

conhecimento já que ele facilita a aprendizagem e o desenvolvimento do processo educacional.

Dentro desse pressuposto, temos a convicção de que é fundamental estabelecer um olhar voltado para as práticas sociais estabelecidas no contexto escolar, no intuito de favorecer a constituição de uma interação positiva e proveitosa entre os sujeitos participantes do processo em questão.

Ressaltamos, ao fim do presente trabalho que foram levantadas somente algumas considerações em relação ao livro didático. Mais uma vez, enfatizamos que um curso bem estruturado, com metodologia, material didático e objetivos definidos, estimula o envolvimento dos alunos e do professor no processo de ensino/aprendizagem de espanhol língua estrangeira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUROCHOVITCH, Evely; BZUNECK, José Aloyseo (orgs.). **A Motivação do Aluno: Contribuições da Psicologia Contemporânea**. 4ª Ed. Editora Vozes: Petrópolis, 2009.

CORDIOLI, Aristildes Volpato (organizador). **Psicoterapias: Abordagens Sociais**. 3ª ed. Porto Alegre: Artemed, 2008.

Engeström, Y. **Learning by expanding: an activity-theoretical approach to developmental research**, 1987. Disponível em: <http://lchc.ucsd.edu/mca/Paper/Engestrom/expanding/toc.htm>, acesso em: 11/06/2011.

_____. **Outline of three generations of activity theory**. 1999. Disponível em: <http://www.bath.ac.uk/research/liw/resources/Models%20and%20principles%20of%20Activity%20Theory.pdf>, acesso dia: 11/06/2011.

LEONTIEV, A. N. **Activity and consciousness**, 1977. Disponível em: <http://marxistsfr.org/archive/leontev/works/activity-consciousness.pdf>, acesso dia: 11/06/2011.

MOTTA-ROTH, D. et al. **Interação & motivação em um curso de inglês mediado por computador**. Poster apresentado na Sessão de Poster. 9º InPLA, 30 de abril a 2 de maio. São Paulo: LAEL, PUCSP, 1999.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: Uma Perspectiva Histórico-cultural da Educação**. Petrópolis: Editora Vozes, 1995.

RICHTER, Marcos Gustavo. **Aquisição, Representação e Atividade**. Santa Maria: UFSM, PPGL-Editores, 2008.

_____. **Conceitos de Aquisição da Linguagem na Perspectiva da Linguística de Corpus: Estudo empregando um Novo Mapeador Semântico**. Texto Inédito– (s/d), 2009.

RICHTER, Marcos Gustavo; CAVICHIOLI, Fabrícia; PINTO; Cândida Martins. **Formação Docente e seus Problemas: Por que uma visão Holística**. Expressão – Revista do Centro de Artes e Letras. Santa Maria: UFSM, (2), Jul/Dez 2006.

ROSA, Jorge La (org.) **Psicologia e Educação: O Significado do Aprender**. 6ª Ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

SEDYCIAS, João. **O que é inglês instrumental?** Universidade Federal de Pernambuco. 2002. Disponível em: http://www.sedycias.com/instrument_01e.htm. Acesso dia 02/09/09.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente: O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.